

Daniel Lula Costa<sup>1</sup>

Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos<sup>2</sup>

# Os entrelaçamentos temporais e mitológicos das presenças das deusas antigas na personagem *Kaguya* no anime *Naruto* *Shippuden*

The temporal and mythological interlacements of  
the presence of ancient goddesses in the *Kaguya*  
character in anime *Naruto Shippuden*

Los enlaces temporales y mitológicos de la  
presencia de diosas antiguas em el carácter de  
*Kaguya* em anime *Naruto Shippuden*

## Resumo

As animações japonesas, conhecidas como *animes*, são produzidas para públicos diversos e muito populares fora do Japão, como é o caso do Brasil. Algumas dessas animações se utilizam de narrativas e imagens mitológicas possíveis de serem identificadas pelo estudo da alegoria histórica (BENJAMIN, 1984) presente na narrativa, em suas imagens e, principalmente, emanada pela presença de temporalidades múltiplas, que emanam o anacronismo das imagens (DIDI-HUBERMAN, 2011). Esse é o caso da personagem Kaguya do anime *Naruto Shippuden*. Essa personagem transmite entrelaçamentos culturais e mitológicos que estão ligados a figura da deusa presente nas mitologias antigas. O objetivo é analisar as presenças transtemporais da imagem da deusa transmitidas pela personagem Kaguya no anime *Naruto Shippuden*. Para isso, serão utilizados os conceitos de *alegoria histórica* (BENJAMIN, 1984), *presenças do passado* (GUMBRECHT, 2010) e *anacronismo da imagem* (DIDI-HUBERMAN, 2011).

**Palavras-chave:** Kaguya; deusa; mitologia; Naruto

## Abstract

Japanese animations, known as *anime*, are produced for diverse and popular audiences outside of Japan, as is the case of Brazil. Some of these animations use narratives and mythological images that can be identified by the study of historical allegory (BENJAMIN, 1984), present in the narrative, in its images and, mainly, emanated by the presence of multiple temporalities, which shows the anachronism of images (DIDI-HUBERMAN, 2011). This is the case of the character Kaguya from the anime *Naruto Shippuden*. This character conveys cultural and mythological interlacements that is linked to the figure of the goddess present in ancient mythologies. The goal is to analyze the transtemporal presences of the goddess image transmitted by the character Kaguya in the anime *Naruto Shippuden*. For this, the concepts of historical allegory (BENJAMIN, 1984), past presences (GUMBRECHT, 2010) and anachronism (DIDI-HUBERMAN, 2011) will be used.

**Keywords:** Kaguya; goddess; mythology; Naruto.

---

1 Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina com período de doutorado sanduíche na Università di Bologna. Integrante do HCIR (Grupo de Pesquisa em História das Crenças e das Ideias Religiosas) da Universidade Estadual de Maringá e do Meridianum (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais) da Universidade Federal de Santa Catarina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6286200229085639>. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0874-7366>. E-mail: daniellcosta23@yahoo.com.br

2 Doutor em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais (Meridianum-UFSC), Grupo de Estudos entre o Feminino e o Masculino na Longa Duração (GEFEM-UFSC) e Bolsista CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5676372308120967>. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5167-0843>. E-mail: rodoxbastos@gmail.com

## Resumen

Las animaciones japonesas conocidas como *anime* se producen para audiencias diversas y populares fuera de Japón, como es el caso de Brasil. Algunas de estas animaciones utilizan narrativas e imágenes mitológicas que pueden identificarse mediante el estudio de la alegoría histórica (BENJAMIN, 1984), presente en la narrativa, en sus imágenes y emanado por la presencia de múltiples temporalidades, lo que muestra el anacronismo de imágenes (DIDI-HUBERMAN, 2011). El personaje Kaguya del anime *Naruto Shippuden* transmite entrelazamientos culturales y mitológicos que están vinculados a la figura de la diosa presente en las mitologías antiguas. El objetivo es analizar las presencias transtemporales de la imagen de la diosa transmitida por el personaje Kaguya en el anime *t*. Se utilizarán los conceptos de alegoría histórica (BENJAMIN, 1984), presencias del pasado (GUMBRECHT, 2010) y anacronismo de la imagen (DIDIHUBERMAN, 2011).

**Palabras clave:** Kaguya; diosa; mitología; Naruto.

## Introdução

É provável, infelizmente, que o termo mitologia ainda seja compreendido enquanto um elemento ligado a crenças antigas e, até mesmo, como fantasia, mentira, invenção de um tempo que está longe do pensamento científico. No entanto, a mitologia é vinculada a crença e resultado da relação íntima do ser humano com o mundo, com os animais e com os seus sentimentos ou emoções mais profundas. Sendo assim, o mito se movimenta e intensifica a criatividade e sensibilidade humana, seja com a sua crença ou com os seus desejos.

Dessa forma, os elementos mitológicos vivem na cultura e saltam temporalmente, se intensificam e serpenteiam no imaginário, o que possibilita novas formas de identificação contextual do antigo com o contemporâneo. Esses elementos transculturais e mitológicos carregam formas de vivência e de presenças de mitologias antigas, o que dinamiza e modula formas de comportamento, ou seja, de conduta social, do que é certo, errado, de como ser homem, mulher, o que são os animais e o que é o mundo. A mitologia é carregada de entrelaçamentos culturais e transmite a experiência do ser humano com si mesmo, com o mundo e com o cosmo atribuído aos deuses, deusas ou a um deus.

O campo midiático relaciona esses elementos e os utiliza para entreter, informar, afirmar, compor/modificar visões de mundo. Esse campo não é neutro e carrega regras sociais, imagens, ideias influenciadas por saberes diversos que transmitem personagens, mundos os quais estão relacionados ao contexto em que é produzido. É comum que personagens com caracterização mitológica apareçam em filmes, animações, jogos de vídeo game, história em quadrinhos e livros. Muitos dos elementos das narrativas emanam a presença de mundos passados que os tocam, se fundindo com os elementos novos criados por meio do contexto, das bases mitológicas antigas e pelos seus saltos no imaginário. O espaço midiático se tornou um amplo meio para a transmissão e produção de obras que carregam elementos mitológicos, os quais conferem ideias de condutas ao se aproximar de realidades de mundo contemporâneas. Esses elementos são transmitidos pelo movimento das imagens, de sua presença e de seus sentidos conferidos pela alegoria de mundos passados.

Essa presença de elementos antigos fora problematizada pelo historiador da arte Aby Warburg (2015) em suas pesquisas sobre a presença do paganismo nas obras renascentistas. Em seus estudos foram identificados o que ele denominou de *nachleben*, ou seja, "pós-vida" de gestualidades e de presenças do paganismo nas imagens do Renascimento italiano. Warburg (2015) visava identificar essas nuances de passado que estavam presentes e ressignificavam movimentos antigos, como foi o caso das obras de Botticelli e Durer. Seguindo esse raciocínio, outros autores também buscaram a manifestação de tempos múltiplos na imagem. Esse foi o caso de Walter Benjamin (1984) que buscara nas imagens a tensão entre aquele que vê e a imagem que o olha de volta, ou seja, na relação dialética promovida pela distância da imagem do ser humano que a admira. De acordo com Benjamin (1984), essa imagem

passa a mover tempos de “Outrora” com o “Agora” ao dinamizar tensões espaço/temporais que incomodam aquele que a vê. Essa tensão entre o passado e o presente da imagem foi denominada por Benjamin (1984) como aura que é o elemento de suspensão da imagem dialética.

Ainda segundo Benjamin (1984), é possível ver na imagem os vestígios de suas temporalidades por meio da alegoria histórica. Ao manter em tensão o contexto em que a imagem é analisada e os seus mundos passados, a alegoria histórica permite uma desmontagem de seus elementos para identificar em seus variados tempos a relação deles com a presença de passado em consonância com o presente, pois “a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação” (BENJAMIN, 2009, p. 504). A alegoria, para Benjamin (1984), é o meio pelo qual se propõe compreender as relações entre temporalidades de uma fonte histórica e seu espaço, que podem estar relacionados a elementos mitológicos antigos. Essa fonte é deslocada temporalmente e acessada pelo alegorista, o qual deve compreender seus fragmentos, seus mundos passados para relacioná-los a seus sentidos.

Essa problematização do tempo da imagem também instigara Didi-Huberman (2011) a compreender as ideias de Benjamin e Warburg. Para o filósofo francês, há na imagem o pulsar de temporalidades diversas que são emitidas pelo olhar que a imagem transmite, já que essa, ao ser vista, causa um esforço de compreensão por aquele que a vê, isto é, a imagem o olha de volta. É nesse sentido que Didi-Huberman (2011) visualiza na imagem tempos diversos daquele linear e cronológico, mas um tempo da imagem, dotado de anacronismos, de saltos temporais transmitidos pela imagem por meio de presenças de passados. Para ele, nas imagens os tempos “se chocam, se esparramam todos os tempos com os quais está feita a história” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.21 – tradução nossa). Essa presença de passado da imagem pode ser identificada por meio do que Gumbrecht (2010) afirmou ser o encontro de uma sensação tangível manifesta pela obra, que conecta o passado ao presente, como em uma fusão, praticado por uma cultura de presença. Essa *cultura de presença* presentifica elementos de mundo passados e está em relação a uma cultura de sentido. De acordo com Didi-Huberman (2011):

A sobrevivência segundo Warburg não nos oferece nenhuma possibilidade de simplificar a história: ela impõe uma desorientação temível para toda veleidade de periodização. Ela é uma noção transversal a toda decoupage cronológica. Ela descreve um outro tempo. Ela desorienta então a história, a obra, complexificando-a. Em uma palavra, ela é o anacronismo. Ela impõe esse paradoxo que as coisas mais antigas aparecem algumas vezes depois das coisas menos antigas. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 85).

Ao partir da teoria de Didi-Huberman (2011), de que a imagem movimentada temporalidades descontínuas sendo carregada de anacronismo e do conceito de alegoria histórica de Walter Benjamin (1984), passamos a problematizar a imagem de Kaguya, personagem apresentada no anime *Naruto Shippuden*, e das presenti-

ficações (GUMBRECHT, 2010) das deusas que soam em seu relampejar de tempos. A imagem de Kaguya entrelaça culturas antigas e movimentada temporalidades ao demonstrar elementos mitológicos que são alegorizados e presentificados em sua imagem, como é o caso das deusas antigas.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é identificar as presenças transtemporais de deusas antigas, bem como de elementos que estruturam as narrativas míticas do passado, transmitidas e movimentadas pelas imagens que envolvem a personagem de Kaguya, no anime *Naruto Shippuden*. Nosso roteiro se inicia com a apresentação do anime *Naruto Shippuden*, nossa fonte e da personagem Kaguya, nosso objeto de análise. As imagens analisadas são referentes aos episódios 458, 459, 460, 461, 462 e 463, todos com cerca 23 minutos de duração.

Após a introdução da fonte e de nosso objeto de pesquisa, partimos para a análise da alegoria histórica das deusas antigas presentificadas por Kaguya e dos elementos que constituem algumas narrativas mitológicas. Convém informar que a opção metodológica em analisar o anime, em detrimento do *mangá*, se dá por conta da sua pluralidade iconográfica, sobretudo, pelas possibilidades oferecidas nas relações dos elementos que constituem suas imagens, como as cores, os sons e os movimentos da narrativa, utilizadas na construção da personagem a ser analisada.

## ***Naruto Shippuden*: Algumas Considerações**

O termo *anime* é uma denominação ocidental utilizada para se referir às animações de proveniência japonesa. Essa mídia se divide em gêneros que caracterizam uma determinada temática e narrativa, as quais podem ser direcionadas para o público infantil, infanto-juvenil e, também, para o público adulto. De acordo com Neto (2013), o gênero do anime “divide essa produção segundo faixa etária, sexo e gênero, como *shōnen* (garotos), *shōjo* (garotas), *seinen* (rapazes), *redisu* ou *redicome* (moças), *josei* (mulheres), *gekiga* (adulto) e *seinen* (adulto)” (NETO, 2013, p. 13). Já no Brasil, o estilo *shōnen* parece se destacar dentre as animações japonesas transmitidas pelos canais de TV aberta.

A partir da década de 1980 essas produções foram exibidas para todas as idades, principalmente direcionadas ao público infantil, não estabelecendo uma divisão institucional direcionada ao gênero e ao sexo. Os animes foram transmitidos na TV aberta, na qual a extinta TV Manchete foi a pioneira ao exibir essas animações ao público brasileiro, como *Yu Yu Hakusho*, *Saint Seiya* (Cavaleiros do Zodíaco) e *Shurato*. Na rede Globo, tivemos *Sakura Card Captor*, *Digimon* e *DragonballZ*. Já no SBT, foram apresentados *Guerreiras Mágicas de Rayearth*, *Fly*, *O Pequeno Guerreiro*, *One Piece* e *Naruto*. Esses animes são normalmente baseados em *mangás*, histórias em quadrinhos produzidas no Japão.

Em boa parte destes animes, mesmo tendo origem no extremo oriente, como o Japão, é possível perceber conexões com diversas culturas do passado e de povos antigos, por meio de suas mitologias. Neste contexto, podemos elencar a mitologia

greco-romana e germânica, por exemplo, presente em produções como *Naruto*, nossa fonte de análise, como veremos a seguir.

*Naruto* foi criado por Masashi Kishimoto e serializada na revista semanal *weekly shōnen jump* desde 1999 e pode ser encontrado na versão de *mangás* e animes, sendo o último a versão audiovisual e a fonte que utilizaremos para o desenvolvimento deste artigo. O nome *Naruto* é o mesmo nome do protagonista – Uzumaki *Naruto* – e se divide em dois momentos: na sua fase de criança, por volta de seus 12 e 13 anos, e na sua fase adolescente, em torno de seus 16 anos, no qual a série muda para o nome de *Naruto Shippuden* (crônicas ou aventuras do furacão).

A história se passa num mundo ficcional composto por *Shinobis* (ninjas), com uma geografia composta por 10 países principais e algumas ilhas. Em cada país existem vilas ou feudos, com leis e líderes próprios. As vilas ocultas se configuram nas forças militares de seus respectivos países. Existem 5 grandes nações, que são a do fogo, da água, do vento, da terra e do trovão. Cada nação tem seus senhores feudais e protegidas por suas vilas ninjas ocultas. Ao líder de cada vila oculta é dado o título de *Kage*, adicionado ao seu respectivo elemento com o nome da vila, como é o caso da vila da folha (*Hokage*) que pertence a nação do fogo e lugar onde nasceu e cresceu Uzumaki *Naruto*.

*Naruto* é um ninja que, ao nascer, teve um demônio depositado no interior de seu corpo (*Kyuubi* ou Raposa de Nove Caudas). Cada país tem seu próprio demônio de caudas (*bijus*), às vezes, mais de um, guardados em receptáculos humanos (*Jinchurikis*) para serem usados como arma militar. *Naruto*, por ser receptáculo da *Kyuubi*, inicialmente, foi odiado por todos na Vila da Folha, pois, no passado ela foi libertada de seu antigo receptáculo (Uzumaki *Kushina*, mãe de *Naruto*) e atacou e destruiu a vila, matando muitas pessoas, inclusive sua Mãe e seu Pai (*Namikaze Minato*), que era o *Hokage* da época.

A narrativa se desenvolve, principalmente, em torno do “roubo” das *bijus*, devido ao seu grande poder de destruição. Diante desta ameaça em comum e que envolve as 5 grandes nações, elas se veem obrigadas a unirem força (uma vez que travaram inúmeras guerras entre si) contra uma organização composta por ninjas renegados (*Akatsuki*) de enorme poder. *Uchiha Madara*, líder da *Akatsuki*, pretende, através de todas as *bijus* reunidas e de experimentos genéticos em seu corpo, ter acesso ao poder de *Hagoromo Ōtsutsuki*, conhecido *Rikudou Senin* (Sábio dos 6 caminhos), filho da Princesa *Kaguya Ōtsutsuki* e irmão gêmeo de *Hamura Ōtsutsuki*.

*Hagoromo* foi o responsável pela criação do *Ninshū*, uma espécie de religião pacífica, que acredita ser possível conectar as energias espirituais (*chakra*) das pessoas, com a finalidade de cultivar (e preservar) a paz, pois seriam capazes de compreender umas às outras e a si mesmas. Todavia, com o passar dos séculos, os ensinamentos do *Ninshū* foram sendo deturpados e se transformando no *Ninjutsu*, uma versão “moderna” com o objetivo de provocar guerras.

O *Ninjustusu* é o epicentro para formação do mundo ninja, preparando o *shinobi* para todos os tipos de batalhas. Por meio de treinamentos intensos, os ninjas

aprendem técnicas sobre lutas e combates corpo a corpo (*Taijutsu*) com o oponente; utilização de técnicas de manipulação de *chakra* (*Ninjutsu*) e a utilização de ilusões (*Genjutsu*), além de outras formas de *jutsus*.

É neste contexto que pretendemos analisar as imagens sobre a personagem de *Kaguya*, para identificar a presença de elementos míticos e transtemporais (de antigas divindades femininas e de narrativas mitológicas), uma vez que o conteúdo do anime é organizado por questões que entrelaçam religiões, mitologias, rituais e práticas de magia. Por exemplo, para conseguir realizar um *ninjutsu* é necessário praticar gestos com as mãos que representam animais e elementos da natureza, ao mesmo tempo em que se fala o nome do *ninjutsu* a ser liberado, o que o aproxima de ritualísticas compostas por prática de magia. No anime, somente por meio do treino e da concentração do *chakra* que essa energia pode ser liberada.

Por sua vez, o *chakra* tem fortes relações etimológicas com conceitos da mitologia hindu e budista. Na mitologia hindu, a palavra *chakra* provém do sânscrito e significa "roda". Descrito nos *Upanishades*, principalmente no *Mundaka*, o *chakra* é caracterizado como energia vital que auxilia na abertura das rodas do corpo. Ele se articula de uma forma semelhante à do anime *Naruto*, já que a força do *chakra* é difundida para sete pontos do corpo humano, onde a energia vital flui, podendo se concentrar em partes específicas.

A existência do *chakra* provém da personagem *Kaguya* (antes mesmo da criação do *Ninshū*) e da sua trajetória de vida e de morte, sendo também a raiz de sua força, elemento importante para apresentar e analisar essa personagem, objeto de nosso estudo.

## **Kaguya e o mito da criação em *Naruto Shippuden***

Segundo o anime, *Kaguya* teria aparecido no planeta a partir das estrelas, por volta de um milênio antes do tempo que se passa as aventuras de *Uzumaki Naruto*. Ela, inicialmente, apresentou poderes que permitia apagar a memória das pessoas, além da capacidade de explodi-las, com sua mente. Encontrada pela pequena nação de *Sō*, logo tornou-se a concubina de *Tenji*, o senhor desta nação, engravidando dele, posteriormente. Ela, constantemente, se encontrava olhando para as estrelas imaginando um mundo de paz, desejo que também era compartilhado por *Tenji*.



**Figura 1.** O surgimento de Kaguya

**Fonte:** KISHIMOTO, Massami. *Naruto Shippuden*. Japão: Pierrot, 2007-2017 (23 minutos).

Todavia, uma nação vizinha chamada *Ko* tenta usurpar, por meio de falsificação de um documento, parte das terras da nação de *Sō*. Esta situação cria uma tensão entre os dois países, obrigando Tenji a proibir seus súditos de atacarem a nação de *Ko*, sob o risco de serem executados. Porém, Kaguya, ao se defender de uma tentativa de sequestro, matou alguns homens da nação de *Ko*, levando seu companheiro a traí-la, ordenando com que ela fosse morta, para que a paz fosse mantida.

Por esta razão, Kaguya sai em busca dos poderes divinos contidos no fruto da *Árvore Divina* conhecida como *Shinju*. Esta árvore foi cultivada com o sangue das pessoas mortas durante as inúmeras guerras travadas pela humanidade, em seus primórdios, na qual, a cada milênio, era gerado um fruto. A *Árvore Divina* era adorada como um ser divino, e seu fruto era proibido para o consumo das pessoas. O próprio acesso a esta árvore e os lugares próximos a ela, também eram proibidos, porque além de ser considerada sagrada, era perigosa. Apenas o fato de estar próximo da árvore, era o suficiente para que as pessoas adoecessem e morressem.

Kaguya ignora este tabu de proibição e come do fruto sagrado, a fim de adquirir os poderes do fruto da *Árvore Divina*. Outro motivo para Kaguya também comer o fruto, era ter poder suficiente para pôr fim a todos os conflitos da humanidade.



**Figura 2.** Shinju e seu fruto misterioso

**Fonte:** KISHIMOTO, Massami. *Naruto Shippuden*. Japão: Pierrot, 2007-2017 (23 minutos)

Com seu novo poder, Kaguya conseguiu acabar com as guerras existentes, através de um *Genjutsu* chamado *Mugen Tsukuyomi* ("Reino do pesadelo infinito"), que aprisionava suas vítimas, colocando-as sob a ilusão de que estão vivendo em um mundo de paz. Além disso, as pessoas ficavam suspensas em uma espécie de casulos, onde tinham suas energias vitais drenadas, como forma de sacrifício necessário à Árvore Divina, que também absorvia a força do solo e das vegetações que a circundavam, em troca do poder que "emprestou" a Kaguya.



**Figura 3.** Mugen Tsukuyomi

**Fonte:** KISHIMOTO, Massami. *Naruto Shippuden*. Japão: Pierrot, 2007-2017 (23 minutos)

No entanto, Kaguya não queria viver sozinha no mundo e, por isto, libertou algumas pessoas, apagando a memória delas, deixando apenas a lembrança que ela foi a responsável pelo fim das guerras. Após este episódio, Kaguya passou a ser adorada como a Deusa Coelho e progenitora do *chakra*, já que foi graças a ela que seus filhos também herdaram esta energia espiritual. Estabelecida entre os humanos, após dar à luz seus dois filhos, para manter a humanidade sobre seu controle, Kaguya punia seus opositores com o *Mugen Tsukuyomi*, o que a transformou em uma tirana, uma vez que também era preciso alimentar a Árvore Divina. Neste sentido, a narrativa do anime demonstra que, com o tempo, Kaguya se deixou corromper pelo poder que adquiriu e passou a perder a confiança das pessoas.

Esta situação alterou a imagem de uma Deusa benevolente, de Kaguya, para um demônio, o que motivou seus filhos a lutarem contra ela. Durante a batalha, Hamura e Hagaromo separaram e absorveram o *chakra* de sua mãe, além de aprisioná-la no centro de uma esfera composta por pedaços do solo e detritos de rocha que, ao final, se transformou na Lua. Por fim, enquanto Hagaromo permaneceu na terra para difundir sua religião do *Ninshū*, Hamura parte para a Lua, para guardar e proteger a prisão de sua Kaguya.



**Figura 4.** A prisão de Kaguya

**Fonte:** KISHIMOTO, Massami. *Naruto Shippuden*. Japão: Pierrot, 2007-2017 (23 minutos)

Esta breve síntese, sobre como foi fundado o *ethos* que norteia o universo *shinobi* de *Naruto*, nos permite identificar como a história de Kishimoto possui alguns dos mesmos elementos míticos, que estão presentes em narrativas míticas da antiguidade. A própria origem de Kaguya pode ser entendida como um destes elementos míticos, ao partir do princípio que ela é considerada, no anime, a progenitora do *chakra*. Ou seja, possui uma origem supralunar, ao vir dos céus, do universo, ou mesmo de um macrocosmo, passando a impressão de ser uma deidade que partilha de poderes cósmicos, já que possuiu o poder de apagar a mente das pessoas.

### **Kaguya: um “Ente Sobrenatural”, Deusa Coelho e Progenitora do Chakra**

O fato de Kaguya ter sua origem no cosmos e possuir poderes, e adquirir outros predicados divinos ao comer do fruto da Árvore Divina, nos permite compreendê-la com o que Mircea Eliade (1972) entende por “Ente Sobrenatural”. O autor explica que o mito narra, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais (personagens dos mitos), como determinada realidade passou a existir, seja ela total, como o cosmo, ou parcial, como uma ilha. Aqui, podemos pontuar que, no caso de *Naruto Shippuden*, Kaguya, por ser considerada em vários momentos da obra, a progenitora do *chakra*, criou, ou minimamente ofereceu, o principal alicerce que se estrutura a narrativa de Kishimoto, que é o *chakra*.

Desta forma, acreditamos que Kaguya é um Ente Sobrenatural, na medida em que se configura como uma divindade que participou, transformou ou instaurou,

por meio de intervenções no tempo inaugural dos “primórdios” da narrativa de *Naruto Shippuden*, uma nova ordem (cosmo), mesmo em escala menor. O mito, ainda de acordo com Eliade (1972), descreve aquilo que “realmente” ocorreu e o que se manifestou plenamente. É sempre a narrativa de uma criação que relata como algo foi produzido e começou a ser. De modo semelhante, acontece em relação as intervenções e inovações efetuadas por Kaguya, através de atributos normalmente pertencentes a figuras divinas (Entes Sobrenaturais).

Assim, as cenas do anime que narramos revela a atividade criadora, desvendando a sacralidade (ou a “sobrenaturalidade”) de sua obra, além de descrever as diversas irrupções do sagrado no mundo, em que o “fundamenta”, convertendo-o no que é hoje. Pois, se o mundo e a humanidade existem, “[...] é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no ‘princípio’” (ELIADE, 1972, p. 16). Neste contexto, o próprio nome do episódio 459, intitulado *Hajimari* no Mono que, numa tradução para o português seria algo como, “Deusa dos primórdios” ou “Aque-la do começo”, também nos permite identificar Kaguya como a origem primordial; aquela que teve uma atitude criadora do princípio, enquanto Ente Sobrenatural.

O título de Progenitora do *Chakra*, atribuído à Kaguya, ocorre porque foi ela quem adquiriu os poderes da Árvore Divina e, mais tarde, transmitiu para os seus dois filhos, que o distribuíram entre as pessoas. Entendemos esse epíteto de progenitora, como sinônimo de geradora, criadora, ou mesmo, de maternidade, tendo em vista que foi por meio de Kaguya que seu *chakra* foi difundido entre as pessoas. Ela interferiu na constituição de suas vidas, produzindo, no mínimo, outras formas de vidas, o que nos lembra os atributos de fertilidade. Neste sentido, identificamos em Kaguya elementos míticos capazes de tornar presentes atributos que pertenceram, por exemplo, a deusas da fertilidade como Reia (ou Cibele) e Hera (ou Juno), de acordo com o legado greco-romano.

O epíteto de “Deusa Coelho” faz referência ao “Coelho lunar”, que é uma figura folclórica que está presente em diversas culturas do extremo oriente, tendo como origem uma antiga “fábula” budista<sup>3</sup>. A variação deste imaginário no Japão, por exemplo, se refere a um coelho que vive na Lua, na qual seus movimentos imitaria o movimento de esmagar ingredientes em um pilão, para o preparo de um tipo específico de doce de arroz (bolinho *mochi*). Pois, no oriente, diferente do ocidente, as sombras, crateras e o relevo que aparecem (a olho nu) na superfície da lua são outros, e formam uma imagem que lembra um coelho utilizando um pilão de cozinha.

---

3 Estas informações de um coelho que se encontra na lua, estão descritas no *Śaśajātaka*, uma antiga narrativa budista sobre a história de quatro animais: um macaco, uma lontra, um chacal e um coelho, que num determinado dia sagrado do budismo, decidem praticar a caridade, no qual a prática desta virtude lhes renderia um grande prêmio como recompensa.



**Figura 5.** Kaguya, Deusa Coelho

**Fonte:** KISHIMOTO, Massami. *Naruto Shippuden*. Japão: Pierrot, 2007-2017 (23 minutos)

Segundo o *Databook* oficial de *Naruto* (que é um guia suplementar, tanto da série, quanto do anime, de autoria do próprio Kishimoto), lançado em 4 de novembro de 2014, os apêndices com chifres de Kaguya podem simbolizar as orelhas de um coelho, representando sua conexão com a Lua, pois evoca o “Coelho lunar”, fazendo de Kaguya uma “Deusa Coelho” (卯の女神, Usagi no Megami)<sup>4</sup>.

## Kaguya: A Deusa Lunar

Ainda podemos encontrar no epíteto de “Deusa Coelho” de Kaguya, sobretudo, da simbologia do nome “Coelho”, certa convergência com outra divindade feminina, mas, por meio de uma mitologia distinta do extremo oriente, como é o caso da mitologia nórdica e germânica. Ostara (ou Eostre), que é considerada uma deusa fertilidade, do amor e da renovação, tem como principais símbolos coelhos/lebres e ovos coloridos, principalmente, durante a primavera<sup>5</sup>. Portanto, esta simbo-

---

4 Para maiores informações, consultar: KISHIMOTO, Massami. *NARUTO- [Shinden Jin no Sho] Dados oficiais do personagem LIVRO, NARUTO [Hiden: Jin no Sho] Kyarakutā Ofisharu DētaBOOK*. 4 de novembro de 2014. 391 páginas. Disponível em: [https://naruto.fandom.com/pt-br/wiki/Kaguya\\_%C5%8Ctsutsuki](https://naruto.fandom.com/pt-br/wiki/Kaguya_%C5%8Ctsutsuki) Acessado em: 21/11/2019.

5 Sobre essa relação de Ostara com a simbologia do coelho, consultar: GRIMM, *Deutsche Mythologie*. Göttingen 1835, S. 180.

logia do coelho nos permite relacionar o epíteto de “Deusa Coelho” de Kaguya com o atributo da fertilidade de Ostara, como é possível observar na imagem 6, do artista Johannes Gehrts, datada de 1901, ao lado da Deusa, a direita da imagem.



**Figura 6.** Ostara

Fonte: “Ostara” (1901) por Johannes Gehrts. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Eostre#/media/Ficheiro:Ostara\\_by\\_Johannes\\_Gehrts.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eostre#/media/Ficheiro:Ostara_by_Johannes_Gehrts.jpg) Acessado em 17/11/2019.

A lua é outro elemento mítico presente nas imagens de Kaguya, conforme já antecipamos através das informações do v oficial de Naruto, que nos permite associá-la com o atributo da fertilidade e, principalmente, com o epíteto de Deusa Lunar. De acordo com o legado mitológico grego, a lua está ligada a uma determinada tradição iconográfica, simbólica e cultural de divindades femininas da fertilidade. Kaguya, ao ser aprisionada na lua, funde-se com ela, sendo indissociável dela, pois a lua só existe e foi criada para ser a prisão (e morada) de Kaguya. Por estes motivos, acreditamos que a lua, é outro elemento mítico pertencente a Kaguya, nos permitindo interpretá-la como uma Deusa Lunar e da fertilidade.

Além disso, a lua, que tem Kaguya aprisionada em seu interior, ascende aos céus, mesmo lugar de onde veio. Ela, que tem sua origem em um mundo supralunar, para este plano do além-mundo (terreno e humano), volta; num movimento de (eterno) retorno a sua origem.

Em relação as divindades lunares, à guisa de exemplo, podemos mencionar as deusas Hécate e Ártemis, pertencentes ao panteão grego. Leandro Mendonça Barbosa (2012) destaca que Ártemis era a simbolização da lua cheia, pois possuía participação nos rituais de casamentos, mesmo não sendo uma deusa do casamento, papel que pertencia a deusa Hera. Todavia, o casamento por ser um rito de passagem da jovem adolescente para a mulher adulta, era marcado, preferencialmente, em dia de lua cheia, mais propícia a fecundidade/fertilidade.



**Figura 7.** Ártemis/Diana século XVI

**Fonte:** Diana a personificação da noite, por Anton Raphael Mengs 1728-1779.  
Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/329677635203232724/?lp=true>

Barbosa (2014) também salienta sobre a associação que Ártemis mantém com Hécate que, ocorrerá, durante todo o período da história grega, na qual as duas simbolizavam a lua: Ártemis ligada à lua cheia e frondosa e Hécate a lua nova e so-urna. Trícia Magalhães Carnevale (2012) afirma que é no verso 414 da *Teogonia* de Hesíodo, que é possível perceber a primeira associação de Hécate com os atributos de deusa lunar.

Febe entrou no amoroso leito de Coios  
e fecundou a Deusa o Deus em amor,  
ela gerou Leto de negro véu, a sempre doce,  
boa aos homens e aos Deuses imortais,  
doce dê o começo, a mais suave no Olimpo.  
Gerou Astéria de propício nome, que Perses  
conduziu um dia a seu palácio e desposou,  
e fecundada pariu Hécate a quem mais  
Zeus Cronida honrou e concedeu esplêndidos dons,  
ter parte na terra e no mar infecundo.  
Ela também do Céu constelado partilhou a honra  
e é muito honrada entre os Deuses imortais  
(HESÍODO. Hino a Hécate: 1-12, 1995, p.100).

Para Carnevale (2012), “ἡ δὲ καὶ ἀστερόεντος ἀπ’ οὐρανοῦ ἔμμορε τιμῆς” (Ela também do Céu constelado partilhou a honra), em grego, οὐρανοῦ (ouranos) significa a personificação do céu, enquanto constelado, indica a noite. Desta forma, Hesíodo permite com que se associe Hécate com a lua ou mesmo com a Lua Nova – ao enunciar a partilha de honras com o céu noturno.

## Árvore Divina e o Fruto Proibido

Outro elemento presente em narrativas míticas, que identificamos em *Naruto Shippuden*, que envolve as passagens sobre Kaguya, enquanto “Ente Sobrenatural”, refere-se a Árvore Divina *Shinju* e seu fruto. A imagem da árvore, segundo Eliade (1992), além de simbolizar o Cosmos, como Yggdrasff (ou Yggdrasil) na mitologia germânica, também exprime a Vida (Mesopotâmia), a Imortalidade (Ásia, Antigo Testamento), a Sabedoria (Antigo Testamento) e a Juventude (Mesopotâmia, Índia, Irã).

Para o autor, a árvore representa tudo que a humanidade considera real e sagrado, assim como, todo o conhecimento que os deuses possuem por sua própria natureza, acessível apenas a poucas pessoas privilegiadas, como heróis e semideuses. Por estas razões, que boa parte das árvores sagradas ostentam frutos e estão situadas em lugares ermos, guardadas por monstros e de acesso proibidos. Assim, aquele que obter (comer) do fruto, irá adquirir uma condição sobre humana, quase (ou de fato) divina, da eterna juventude, da invencibilidade e da onipotência (ELIADE, 1992).

Foi o que aconteceu com Kaguya, ao comer do fruto da Árvore Divina, adquirindo novos poderes. No entanto, para chegar até a árvore, ela testemunhou sua amiga (talvez a única) Aino se sacrificar para protegê-la, uma vez que sabia que Kaguya estava grávida do Lorde Tenji e, por isto, enfraquecida. A morte de Aino pode ser interpretada como um sacrifício, mesmo não intencional, necessário para fixar algum tipo de pacto e/ou aliança entre Kaguya e a Árvore Divina *Shinju*. Ou seja, a vida de Aino foi o preço cobrado pela *Shinju* para que Kaguya tivesse acesso aos (novos) poderes divinos.



**Figura 8.** O sacrifício de Aino

**Fonte:** KISHIMOTO, Massami. *Naruto Shippuden*. Japão: Pierrot, 2007-2017 (23 minutos)

Para Karen Armstrong (2005), o sacrifício estaria na esteira de elementos ritualísticos para reatualização do mito, por ser um elemento sempre sagrado. Por sua vez, Aline Dias da Silveira (2013, p.44-45) destaca que “o sacrifício é o marco zero na passagem para um novo momento e um novo espaço”, é o ponto de intersecção entre os planos. O sacrifício não é deixado para trás, mas é jogado para a frente, para que uma nova aliança com a divindade e a promessa do benefício se estabeleça. Dito de outra maneira, sacrifício é o tributo que marca a passagem e o pacto (aliança) para um novo momento e espaço.

Interpretamos a presença da Árvore Divina (ou Sagrada), do seu fruto (por vezes, proibido), e o sacrifício (para adquirir sua nova condição sobre humana e divina) como elementos míticos que estão presentes, por exemplo, na mitologia nórdica. Yggdrasil é uma destas árvores, localizada no centro do universo e conectando nove mundos. Os frutos, mas também suas folhas, possuíam faculdades divinas, que iam desde repostas aos grandes questionamentos da humanidade, tendo como epíteto a sabedoria sobre o cosmos, até atributos divinos de curra e ressurreição. Por estes motivos, a Yggdrasil, com seus frutos, era protegida por Valquírias (deidades e guerreiras femininas), e somente os deuses teriam acesso a árvore.

Odin, o principal deus do panteão nórdico, ao descobrir uma fonte da sabedoria nas raízes da Yggdrasil, resolve beber daquela fonte, mesmo sabendo que um sacrifício seria necessário, oferecendo, assim, um dos seus olhos, em troca de conhecimento. Embora Odin não tenha comido do fruto da Yggdrasil, ele se utilizou de seus recursos, como uma fonte em suas raízes, o que demonstra que toda a extensão da árvore era sagrada. Temos aqui, a presença de uma Árvore Sagrada, com seus frutos, folhagens e raízes também divinas, e do sacrifício como instrumento, mas, principalmente, como tributo para aquisição de determinados poderes divinos<sup>6</sup>.

Neste mesmo contexto, podemos mencionar o texto do *Gênesis*, do Primeiro Testamento, que narra como o mundo e as pessoas foram criadas, dentro da tradição Judaica e Cristã.

lahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara. lahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E lahweh Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer. (BÍBLIA, *Gênesis*, 3: 8-9; 16-17).

Ao desobedecerem às ordens de lahweh, comendo do "fruto do conhecimento, do bem e do mal", o casal foi expulso do paraíso e passaram a depender do esforço do trabalho para sobreviverem, tendo em vista que no jardim do Éden, eles apenas coletavam seus alimentos. Esta expulsão se configura como o sacrifício, em troca do conhecimento oferecido pelo fruto proibido. Por meio deste excerto do *Gênesis*, então, é possível identificar a presença de uma Árvore Sagrada, um fruto proibido com potencialidades divinas e o sacrifício, como elementos míticos e semelhantes aqueles presentes nas imagens que envolvem *Kaguya*, em *Naruto Shippuden*.

A narrativa do *Gênesis*, através de Eva, ainda oferece outros pontos de convergências em relação a *Kaguya*, como no processo de "demonização" da figura feminina, ao comer do fruto proibido da Árvore Divina. As duas mulheres, embora por motivos diferentes, foram relacionadas ao mal e ao demônio. Enquanto Eva foi acusada por uma série de discursos clericais medievais<sup>7</sup>, no contexto do cristianismo, de culpada pela desobediência as ordens de lahweh, recaindo sobre ela todos os estereótipos demoníacos possíveis. *Kaguya* deixou de ser adorada como uma Deusa

---

6 Para maiores informações, consultar: STURLUSON, Snorri. *The Prose Edda: Norse Mythology*. Tradução, introdução e notas por Jesse L. Byock. Penguin Classics. 2006.

7 Sobre o imaginário diabólico feminino que é construído sobre Eva (e as mulheres), no decorrer da Idade Média por uma determinada elite clerical, consultar: BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo. As esposas de Adão e o imaginário diabólico e feminino na cristandade Medieval. , v. 22, p. 1-15, 2017. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbncyZXZpc3RhY2FtaW5ob3NkYW5hpc3Rvcmlh-fGd4OjY2ODM0OWJINzZcwZTcwZGE>. Acessado 18/11/2019.

benevolente, e passa a ser considerada, pelas pessoas, como um demônio, por ter se deixado corromper pelo poder e se transformado em uma tirana implacável.

De forma diferente ocorre com o Odin, que bebeu da fonte da sabedoria localizada nas raízes da Yggdrasil. Motivo, pelo qual, ficou conhecido, principalmente, como Deus da sabedoria, da guerra e da morte, sendo chamado também de “Pai de todos”<sup>8</sup>. Percebe-se que, no caso de uma divindade masculina, acessar os atributos de uma Árvore Divina tem efeito diferente, quando o mesmo acontece por parte de um “Ente Sobrenatural” feminino.

Foi diante da tirania de Kaguya, que seus dois filhos interviram com a intenção de salvar as pessoas das ações de sua mãe. Essa intervenção de Hagoromo e Hamura, também remete a um outro elemento presente em narrativas míticas, que é o mito dos irmãos (homens) predestinados.

## Considerações finais

Kaguya é uma imagem transtemporal, ou seja, que elenca entrelaçamentos temporais e mitológicos que remetem a alegoria de mundos passados presentes nas mitologias antigas. Suas características físicas e éticas são presentificações de passados emitidos por narrativas e imagens míticas que inauguram a sua ressignificação no século XXI. Há em sua figura tempos que se conectam e se intensificam no momento em que é apresentada, como o que Benjamin (2009) denominou de constelação, ou seja, o momento no qual inúmeros tempos se chocam e formam uma determinada alegoria. Em Kaguya, é possível verificar a sua posição enquanto deusa lunar, deusa coelho, deusa da fertilidade, princípio cosmogônico e o renascimento de um novo mundo.

Portanto, esses aspectos são muito comuns em narrativas míticas, principalmente no mito cosmogônico, mito escatológico e mito de origem, em todos os casos há características que confluem na imagem de Kaguya. Seja pelas relações de gestualidades, de palavras emanadas, de suas posturas ou comportamentos, é verificável a sua relação com personagens míticas como Eva, Deusa “Coelho”, “Ente sobrenatural”, Ártemis/Diana, Ostara, dentre outras que ainda emanam de sua construção. O anime *Naruto Shippuden* cria uma personagem alegórica dotada de transtemporalidades que emanam mundos passados de narrativas míticas antigas, dando ao telespectador (e leitor, no caso do *mangá*) inspirações e sensações emotivas relacionadas a uma personagem que, de alguma forma, lhes toca intensamente o inconsciente manifestado pelo imaginário humano.

---

8 Para maiores informações, consultar: STURLUSON, Snorri. *The Prose Edda: Norse Mythology*. Tradução, introdução e notas por Jesse L. Byock. Penguin Classics. 2006.

## Referências

ARMSTRONG, Karen. **Breve História do Mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARBOSA, Leandro Mendonça. **X Encontro Estadual de História - Didática da História**: pesquisar, explicar, ensinar. A Ártemis Barbarizada da Tragédia: entre o escritor e o receptor. 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/14634084/A\\_%C3%81RTEMIS\\_BARBARIZADA\\_DA\\_TRAG%C3%89DIA\\_ENTRE\\_O\\_ESCRITOR\\_E\\_O\\_RECEPTOR](https://www.academia.edu/14634084/A_%C3%81RTEMIS_BARBARIZADA_DA_TRAG%C3%89DIA_ENTRE_O_ESCRITOR_E_O_RECEPTOR). Acesso em 23/06/2019.

BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo. As esposas de Adão e o imaginário diabólico e feminino na cristandade Medieval. **CAMINHOS DA HISTÓRIA** (UNIMONTES), v. 22, p. 1-15, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/321/355>. Acesso em 18/11/2019.

BENJAMIN, Walter. **A origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

CARNEVALE, Trícia Magalhães. **Hekate, de deusa ctônica dos atenienses do período clássico à deusa da feitiçaria no imaginário social do Ocidente** (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2012. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ\\_1d951f5cb29606f9b1c3c80157ac943c](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_1d951f5cb29606f9b1c3c80157ac943c) Acesso em 23/06/2019

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**: História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ante el tiempo**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2011.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

GRIMM. **Deutsche Mythologie**. Göttingen, 1835.

HESÍODO. **Teogonia**. Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995. Disponível em: [https://www.assisprofessor.com.br/documentos/livros/hesiodo\\_teogonia.pdf](https://www.assisprofessor.com.br/documentos/livros/hesiodo_teogonia.pdf) Acessado em 22/06/2019 Acessado em 23/06/2019.

KISHIMOTO, Massami. **Naruto Shippuden**. Japão: Pierrot, 2007-2017 (23 minutos)

\_\_\_\_\_. NARUTO- [Shinden Jin no Sho] Dados oficiais do personagem LIVRO, NARUTO [Hiden: Jin no Sho] Kyarakutā Ofisharu DētaBOOK). 04 de novembro de 2014. 391 páginas. Disponível em: [https://naruto.fandom.com/pt-br/wiki/Kaguya\\_%C5%8Ctsutsuki](https://naruto.fandom.com/pt-br/wiki/Kaguya_%C5%8Ctsutsuki) Acessado em 21/11/2019

SCHMALTZ NETO, Genis Frederico. **Paixões e Traços Míticos no discurso do Animê**: uma análise em Death Note. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, 2013.

SILVEIRA, Aline Dias da. **O pacto das fadas na Idade Média Ibérica**. São Paulo: Annablume, 2013.

STURLUSON, Snorri. **The Prose Edda**: Norse Mithology. Tradução, introdução e notas por Jesse L. Byock. Penguin Classics. 2006.

WARBURG, Aby. **História de fantasmas para gente grande**: escritos, esboços e conferências. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Submetido em 20/01/2020.

Aprovado em 30/03/2021.